

OCCIDENTE

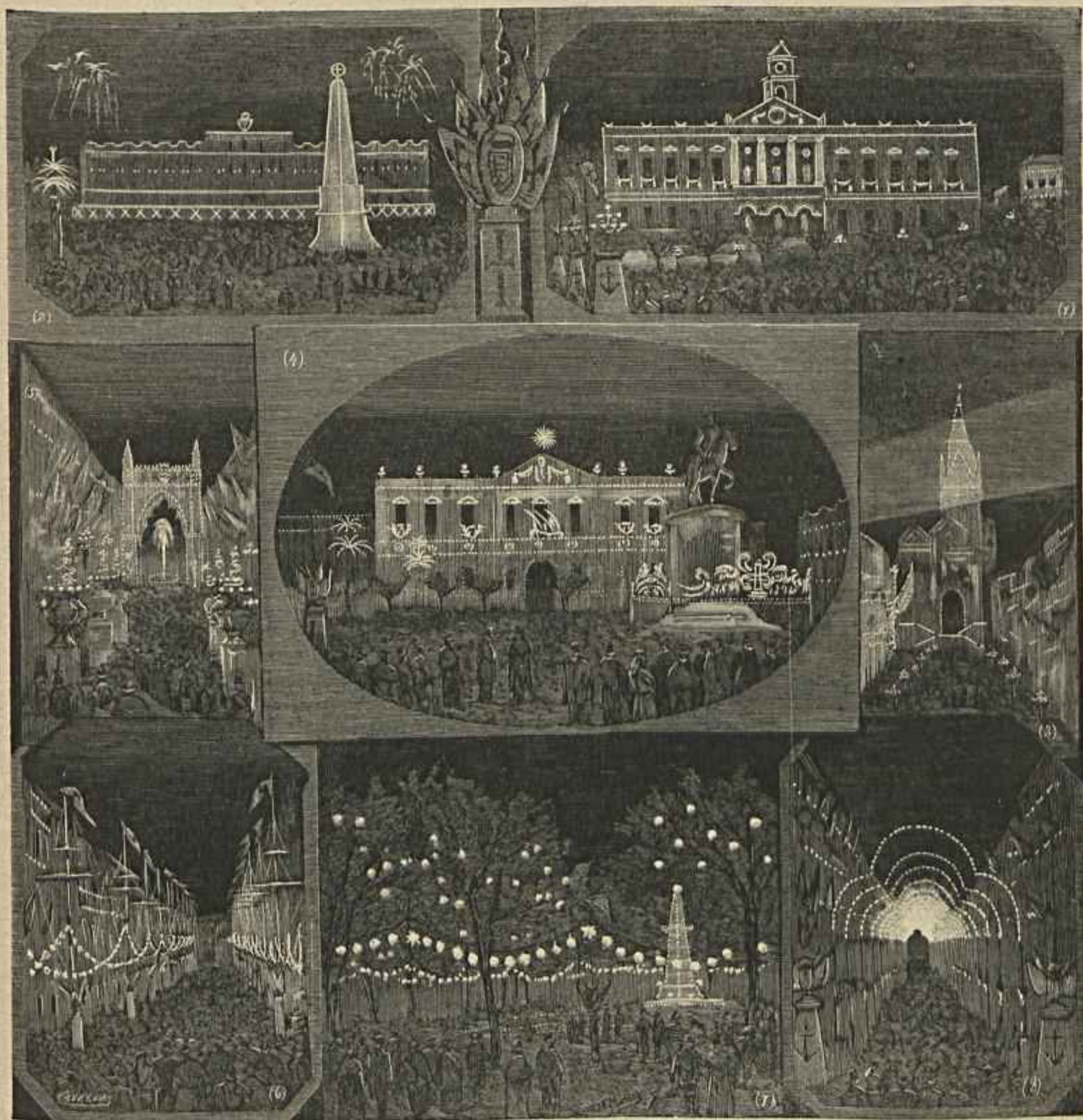
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

17.º Anno

21 DE ABRIL DE 1894

XVII Volume — N.º 552

FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO



1. Associação Commercial. — 2. Quartel de St.º Ovidio. — 3. Clerigos. — 4. Praça de D. Pedro. — 5. Rua de St.º Antonio.
6. Rua de Mousinho da Silveira. — 7. Praça dos Voluntarios da Rainha. — 8. Rua do Almada,

AS ILLUMINAÇÕES

(Desenho pelo ar. J. R. Christino da Silva)

FESTAS DO CENTENARIO DO INFANTE D. HENRIQUE, NO PORTO



CONDE DE SAMODÃES



CONSELHEIRO ANTONIO RIBEIRO DA COSTA E ALMEIDA



AUGUSTO LUSO DA SILVA



BENTO CARQUEJA



PADRE FRANCISCO JOSÉ PATRÍCIO



CAPITÃO FERNANDO MAIA



HENRIQUE KENDALL



EDUARDO SEQUEIRA

A COMISSÃO PROMOTORA DAS FESTAS

bombardamento desnecessario depois das propostas feitas por Saldanha da Gama, sobre os fortes e navios prestes a capitular.

O almirante não teria tão facilmente cessado a lucta se tivesse alguma esperança de poder resistir, assim também o governo se deveria limitar a acabar a guerra no Rio de Janeiro, fortificar a barra e o porto contra algum ataque e nada mais, pois, que a capitulação dos insurrectos lhe deu uma superioridade naval indiscutivel.

V. LOVETT CAMERON

Vamos no estylo biographico.

Nasceu Verney Lovett Cameron em 1 de julho de 1844 e entrou ao serviço da marinha de guerra ingleza no anno de 1857.

Em Inglaterra chamavam-lhe simplesmente Lovett.

Foi tenente em 1865, commandante em 1876, sendo reformado no posto de capitão de mar e guerra no anno de 1883.

A sua vida de africanista, pôde dizer-se, começou na campanha da Abyssinia quando terminara o cruzeiro das Antilhas ou Indias Orientaes, o do Mediterraneo e o do Mar Roxo. Junto com sir Bartle Frère foi em missão especial ao Zanzibar, d'ahi a cegarega de que os portuguezes faziam escravatura, e o porquê do *Across Africa*. Em 1872, reco-



FERNANDO CALDEIRA -- FALLECIDO EM 2 DO CORRENTE

(Cópia de uma photographia)

nhecido o genio activo do tenente Cameron, pelo governo da graciosa magestade, que attendeu conjunctamente a illustração e valor d'este official, foi nomeado chefe da expedição mandada em soccorro de Livingstone.

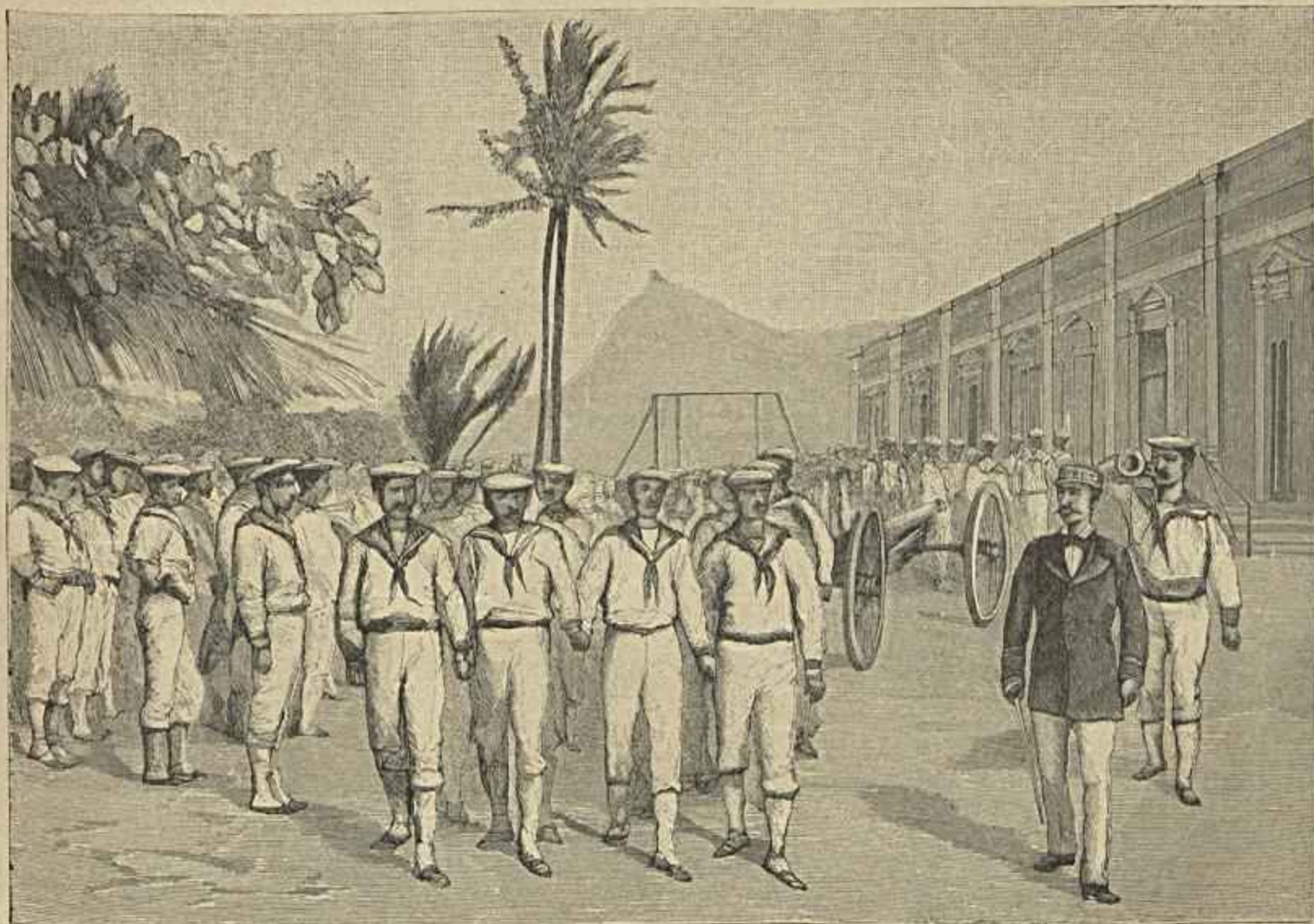
Parte de Begamoyo em março de 1873, chegando a Unyanyembe, em agosto, onde encontrou alguns homens da comitiva de Livingstone, conduzindo os restos mortaes d'este conhecido explorador africano, em rumo á costa oriental. O tenente Cameron envidou todos os seus esforços, conseguindo que o cadaver de Livingstone chegasse ao litoral sem inconveniente; em seguida, e cumprido este dever, parte de Ujiji onde encontrou importantes documentos pertencentes a Livingstone, entre elles uma notavel planta, o que tudo remetteu cuidadosamente para o sultanato de Zanzibar.

Foi n'esta occasião que Lovett Cameron fez o importante estudo em que se prova, que o lago Tanganica não está ligado ao rio Nilo, como se acreditava.

Cameron, como depois o confirmou Stanley, entendeu sempre que o Lualaba era a continuação do nosso Zaire ou Congo, isto no sentido de Oeste para Leste.

Estava resolvida a travessia. Dirigiu-se Cameron em rumo mais para o sul, chegando a Benguela em 7 de novembro de 1875, donde regressa a Inglaterra.

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL



A RENDIÇÃO DOS INSURRECTOS

(Cópia de uma photographia)

Em 1878 emprehe de viagem na Índia, por terra, com o fim de estudar o traçado de um caminho de ferro de Constantinopla a Bagdad; n'esta comissão percorre, Cameron, a Syria e a Mesopotamia.

Quatro annos depois, acompanha Ricardo Burton (o mesmo a que tão brilhantemente e referiu, ha pouco no Occidente, o indefesso escriptor Pinheiro Chagas) a costa occidental africana, e por bastante tempo viaja n'esta parte do mundo, na Asia, e na Europa.

Cameron prestou incontestavelmente valiosos serviços á sciencia, e tornou-se universalmente conhecido pelos livros que publicou e pelas viagens que emprehe de; sobre assumptos africanos era reconhecido como verdadeira auctoridade.

As sociedades de geographia de Londres, Lisboa e Paris concederam-lhe as suas medalhas de ouro, e o fallecido rei de Italia, Victor Manoel, conferio-lhe uma medalha especial.

A rainha de Inglaterra e imperatriz das Indias, o imperador da Allemanha, o rei de Portugal e o rei da Belgica, todos recompensaram Cameron com provas de estima e valiosos presentes que hoje adornam as suas vivendas de Londres e Souburg onde, ultimamente, falleceu de um desastre occorrido em uma caçada, perto de Leighton Buzzard.

Tivemos occasião, por mais de uma vez de fallar com Lovett Cameron. Era um humorista.

Um exemplo.

Sobre a nossa questão com o governo de Napoleão III, quando este indevidamente mandou buscar ao Tejo a barca *Charles et George*, considerada boa presa por isso que fôra apanhada em flagrante delicto de escravatura, estavam no porto de Lisboa fundiados alguns navios de guerra inglezes, a cuja guarnição pertencia o nosso biographado.

O almirante inglez escolheu Cameron, que apenas tinha quinze annos, por fallar bem francez, afim de ir a bordo do navio almirante d'aquella nação. A incumbencia era grave; por isso que os inglezes, no officio que mandaram aos francezes, consideravam *casus belli* qualquer tentativa de bombardeamento sobre Lisboa.

Cameron subiu para o portão, entrou no convex do francez e entregou ao almirante o officio do commandante da esquadra britannica.

O francez leu o ultimatum e fez um aceno de cabeça, como quem diz que estava sciente e que o portador podia retirar-se. O moço guarda marinha ficou ainda, o que, impacientando o almirante francez, obrigou o a dizer seccamente:

— Pretende mais alguma coisa?

Ao que Lovett Cameron respondeu serena e delicadamente:

— Sim, meu almirante, desejo prevenir a v. ex.^a de que ao primeiro tiro que mande disparar contra a cidade, teremos a honra de metter a v. ex.^a no fundo com todos os seus navios.

A viagem mais notavel de Verney Lovett Cameron, e a que tornou o seu nome geralmente conhecido entre os portuguezes, foi aquella que tinha por fim encontrar Livingston e para que fôra nomeado em 1872.

Encontra o corpo de Livingston em 1873, faz com que este embarque para Inglaterra, e Cameron segue para Oeste em direcção á nossa Angola, chegando a Benguella em 7 de novembro de 1875, onde foi encontrado, nos arredores, como morto e levado a casa de Cauchoux. Passou tanta fome que chegava a fumar cachimbo para entreter o estomago, como elle o disse. Como estava em possessão portugueza, encontrou todo o auxilio necessario.

Esgotadas as notas biographicas, agora vamos por estrada nossa Alguns jornaes de Lisboa, quando se referiram ás palavras que proferi em sessão de 2 de abril corrente, na Sociedade de Geographia de Lisboa, aprovando o voto de sentimento pela morte de Cameron, entenderam que eu repudiava o que havia escripto no Occidente n.º 477 do vol. xv.

Nunca fiz erratas. Penso, estudo e depois escrevo. O que eu disse na referida sessão, e posso repetir o em toda a parte, é, que deante d'um tumulto cessam todas as luctas.

Considerarei sempre Verney Lovett Cameron (C. B. D. C. L.) como homem de sciencia, mas como foi injusto com os portuguezes, embora por leviandade, eu não podia estimar o homem.

Além d'isto, o *Accross Africa* ferira tudo que ha de mais caro no homem de sentimento — o coração!

É certo, porém, que, seguidamente ao bestial ultimatum de 11 de janeiro de 1890, até vir a Lis-

boa fazer uma conferencia no mesmo salão onde fallei, Cameron, em Inglaterra, não descansava: conferencias, artigos nos jornaes inglezes, refutações sobre tudo que offendesse a verdade ou o melindre dos portuguezes; — elle esteve sempre na brecha em nosso favor e contra os homens da sua propria Patria.

No mesmo n.º 477 do anno de 1891, diziamos:

«... Cameron, ha dias, em plena sessão solenne da Sociedade de Geographia de Lisboa, perante a sua illustrada direcção, deante do sr. ministro da marinha, dos representantes da Inglaterra, Austria, Russia e Belgica, troça de um modo desopilante das filuccias colonisadoras do rei dos belgas, cae a fundo sobre o governo inglez que, como governo de uma potencia colonial, não tem feito senão tolices (*betsies*), e declara-nos o primeiro povo civilizador e colonizador da «da Africa austral!...»

«Muito bem, sr. Cameron, disse verdadeiras «perolas, que nós não sabemos como pagar-lhe. «Nunca é tarde para o arrependimento.»

Seguia a conferencia de Cameron, e, apenas no fim do nosso artigo, vinham estas palavras que só confirmam o que temos dito.

«... O sr. Cameron devia esta reparação a Portugal. Eu vi com os meus olhos o estado em que «elle chegou a Benguella da sua ultima travessia; «o sr. Cameron, se não fosse a benevolencia, a «dedicação dos portuguezes em Africa, que lhe «salvaram a vida e curaram a doença, nunca teria «ensejo de escrever um livro que tão ingлезmente «nos tretou. Por isso, repetimos, foram verdadeiras perolas as palavras do illustre inglez.»

Ora, francamente, quando fallámos na sessão de 2 de abril, na assembléa geral da Sociedade de Geographia de Lisboa, nada mais fizemos do que cumprir um dever, prestando homenagem á memoria do homem illustre pelo seu talento e sciencia, e que viera, depois de incontestaveis serviços á causa portugueza, fazer um acto de contricção de erros que tanto nos tinham magoado. *Je suis un converti*, disse Cameron na sessão de 14 de maio de 1892.

E nós, aqui, com muita razão, repetiremos as palavras com que terminámos, na sessão de 2 de abril corrente, podendo um voto de sentimento pela morte de Cameron.

«Folgo muito de fazer a declaração de que, afinal, Cameron foi um amigo dos portuguezes.»

Manuel Barradas.

POESIAS DIVERSAS

A epopéa das navegações portuguezas

Era o Mar Tenebroso um pelago insondavel
Um pavoroso abysmo, um barathro implacavel
De monstros e dragões...

Quando o mago condão de vara feiticeira
Trocou todo esse horror por luz hospitaleira
De splendidas visões.

Ao Tenebroso Mar succede o azul do Atlantico:
As filhas de Nereu no festival de um cantico
Vêm risonhas saudar
D'aquella aurora o brilho; e d'ora-á-vante as perolas
Borbulharão a flux por entre as ondas cerulas...
De ilhas coalhado o mar!

Quem pois quebrar ousou tamanho incantamento?
O intrepido quem foi, que, no impeto violento
De ardente inspiração,
Poz peito a resolver impresa de gigantes,
Realisar logrando os sonhos deslumbrantes
Do divino Platão?

Quem foi o audaz? Quem foi? Quem foi o illuminado
Que, n'um rapto feliz de heroe predestinado,
O mar assubergou?

Quem foi o semi-deus de magestosa fronte
Que do incognito mundo ao rutilo horizonte
O escuro veu rasgou?

Co'o — *talant de bien fere* — o Infante aventureso...

Eis quem d'esta epopéa o inicio luminoso
Quiz na Historia insculpir!
Das Quinas o pendão trémula sacrosanto
Pela amplidão do Oceano: a Atlantide entretanto
Vai das aguas surgir...

Já vassalagem rende ao Sacro Promontorio
O fero Adamastor do Cabo Tormentorio
Por sobre o argenteo mar...
Presente se já perto — a lyra sonora —
Que do inclito Camões a patria portentosa
Virá glorificar.

Xavier da Cunha.

Esposa, Filha e Mãe

Passou por mim n'um dia venerando
Um grupo que em minha alma ainda hoje brilha:
Uma linda creança lia guiando
Um velho cego e triste.
Ao vér como o guiava, eu disse: existe
O santo amor de filha.

L'epopea delle navigazioni portoghesei

Era il Mar Tenebroso un mare impenetrabile,
Un abisso pauroso, un baratro implacabile
Di mostri e di dragoni...

Lor quando la virtù di magica bacchetta
Cambiò cotanto orror in una luce eletta
Di splendide visioni.

Al buio mar succede il turchin dell'Atlantico:
e le Nereidi allor nell'allegria d'un cantico
Vengono a salutar
Di tal luce il fulgór: e gemme peregrine
In copia appariranno in quelle onde azzurrine...
D'isole ingombro è il mar!

Chi mai sciogliere osò si poderoso incanto?
L'intrepido chi fu che, nell'impeto santo
D'ardente ispirazion,
S'accinse ad una impresa, impresa da gigante,
Di dar corpo a quei sogni a cui credè costante
Il divino Platon?

Chi fu l'audace? Chi? Chi fu l'illuminato
Che, in un felice ardir d'eroe predestinato,
Il mare assoggettò?

Chi fu quel Semideo di maestosa fronte
Che d'un ascoso mondo il fulgido orizzonte
A tutti noi svelò?

Col — *Talant de bien fere* — è il Prence avventuroso

Che di epopea si grande il principio glorioso
Nei Fasti imprimir fa!
Già svéntola dei Re Lusí il vessillo santo
Lungo il vasto Ocean: l'Atlantide frattanto
Dall' onde emergerà.

Già al Sacro Promontorio omaggio fa l'iroso
E fero Adamastor dal Capo Tormentoso
Sopra l'argenteo mar...

Già si presente il suon della lira armoniosa
Che del sommo Camões la patria portentosa
Verrá a glorificar.

Prospero Peragallo.

Sposa, Figlia e Madre

Vidi in un dì per me ognor venerando
Un gruppo che umidir le mie ciglia:
Una vaga fanciulla iva guidando
Un vecchio cieco e triste.
Visto come il guidava, io dissi: esiste
Il santo amor di figlia.

E apenas todas as precauções foram tomadas, o conde de Val-de-Bouro exclamou de choque:

— Então já sabe que o Balthazar tornou a casar?

O padre teve um movimento brusco, como ferido á traição.

— O que diz v. s.?! — balbuciou, por fim.

— A verdade. Aquelle monstro!... — e o conde cerrou os punhos, n'um gesto desesperado de rancor.

— Mas aonde foi isso? Lá, em Amsterdam?

— Sim, sim! E sabe com quem casou elle? ... Se aquillo se chama casamento!... Não sabe?... Pois foi com essa maldita judia!

— Com a Gaya? — fez o padre, assombrado.

— Isso mesmo!

O bacharel ficara gelado de surpresa. Aquillo parecia-lhe monstruoso, inqualificavel! E o seu olhar spamado tinha uma immobildade cadaverica.

— Que perdição! Que perdição! — exclamou afinal, levando as mãos á cabeça.

O conde teve uma visagem convulsa:

— Que maldição, digo eu!

Quantas vezes tenho perguntado a mim mesmo, porque é que um tal filho veio envenenar a paz da minha velhice, quando eu nada fiz para merecer esta expiação. Veja vossa mercê que raça degenerada e infame virá entroncar em mim, na casa de Val-de-Bouro, se essa damnada feiticeira gera algum filho no excommungado ventre!...

Houve um momento de silencio. Afinal, o conde, serenando um pouco, explicou:

— A mim, quem me trouxe a noticia foi um parente que ha pouco regressou de uma missão diplomatica na corte de Haya. Felizmente deu o segredo em um homem honrado e discreto... Porque, o caso succedeu com todas as aggravantes vergosonhosas... Imagine vossa mercê: o Balthazar abjurou a santa religião catholica, p'ra casar com a tal bruxa que Deus confunda!

O padre Lopo apertava idiotamente a cabeça com ambas as mãos; para o seu pasmo todas as palavras eram frouxas, destoantes; apenas sons roucos que deviam ser exclamações, sahiam da sua garganta com um esforço que parecia affixial-o. Aos seus olhos embaciados, embaciados já pelos sopros da velhice adiantada, aquelle episodio extraordinario, nunca pensado realisavel, estava-lhe dando a visão doentia de uma derrocada enorme, á qual só elle sobrevivesse para chorar o seu desespero.

— Um filho meu, tornado! — clamava o conde doloridamente. — Um neto de heroes que pelejaram nas Cruzadas, e espalharam sobre o barbarismo dos povos as doutrinas do Redemptor; o descendente de uma stirpe real de bravos; — ir-se misturar na arraia vilã do povo maldito, esquecendo a fé com que foi creado, os deveres do seu sangue, tudo, tudo! Veja vossa mercê que maldição ladou o nascimento do meu ultimo filho!

— Que perdição, que perdição! — reperia idiotamente o padre Lopo.

A mesma concentração dolorosa emmudeceu por largo tempo os dois velhos. Por fim, o conde de Val-de-Bouro rompeu de novo o silencio, com a voz lenta quebrada de desanimo:

— Este desgosto tirou-me o ultimo calor á vida. Sahi de Lisboa com tenção de nunca mais lá voltar, senão reclamado por deveres na corte; o tumulto da cidade parece que exacerbava a minha dor... Agora vou para Val-de-Bouro, esperar a morte entre as velhas paredes do meu solar. Deus felizmente poupou á condessa minha mulher, este desgosto. (D. Leocadia de Tovar, tinha fallecido seis annos antes). E aqui estou pedindo-lhe, ao

menos por algum tempo, a companhia de meu neto...

— V. S. quer levar Pedro para Val-de-Bouro.

— «Quero» não: desejava. Não me esqueço que a sua amizade tem mais direitos do que a minha.

— Direitos, não... V. S. é avô...

— Um avô que apparece só de annos a annos, perde os direitos naturaes. Mas socegue; vejo que lhe custa separar-se do pequeno... Irei só.

— Não, senhor; não consinto...

— N'esse caso venha tambem vossa mercê. Quando se aborrecer, voltará. Penso que o não prendem graves interesses á vida que aqui tem...

— Nenhuns, a não serem os do Pedro; mas isso é facil de remediar. Deixarei a pessoa de confiança o encargo.

— Então resolvamos isso. Só se o senhor Ruy Cordovil... A proposito; eu não fallei de estas coisas do Balthazar, diante de elle, porque me parece melhor restringir quanto possivel o numero das pessoas que estão na posse do segredo.

oposições, que já não impressionam ninguem, porque afinal todos se servem dos mesmos meios e nenhum está nos casos de atrair a primeira pedra.

Com corrupção ou sem ella o que se evidencia, no acto eleitoral, é que metade dos electores de Lisboa não vota o que faz suppôr que delega aquelle direito na outra metade que vota, e n'estes casos o triumpho é sempre grande para os que vencem, porque se deve suppôr que venceram pelos que votaram e pelos que não votaram.

Sendo certo que as opposições empregam sempre todos os meios de que dispoem, indo á urna com todas as suas forças, não se pôde admittir que percam um voto sequer dos seus partidarios e amigos, por isso devemos sempre considerar a victoria dos governos grande.

Algumas folhas republicanas descompõem os electores que não votaram no seu partido, chamando-lhe corruptos, que venderam o voto e outras coisas feias.

A ser assim, todas as coisas feias que as folhas republicanas dizem, devem entender-se com os seus proprios partidarios, por serem estes que se deixaram corromper e venderam o voto, pois é claro, (ainda segundo as theorias das ditas folhas) que, se os electores que votaram no governo o fizerem por corrupção, porque se venderam, votaram contra as suas idéas, e n'este caso eram republicanos, porque se fossem monarchicos, não era preciso corrompel-os, nem comprar-lhe o voto para votarem no governo monarchico.

Ou isto é logico ou não ha logica.

Já se vê, pois, que a critica apaixonada e inreflectida dos republicanos, tem d'estas contradicções, que fazem cahir pela base todas as declamações com que pretendem mascarar a sua derrota eleitoral.

Olhando, porem, o acto eleitoral, serenamente, sem paixões, analysando os factos com a imparcialidade, que n'esta revista sempre temos mantido, não podemos deixar de nos intrestecer, pelo abandono em que mais de metade dos electores de Lisboa, deixaram a urna, continuando a indifferença, que vem de tantos annos, a manifestar-se, apesar das circumstancias excepcionaes em que a nação se encontra ha quatro annos a esta parte.

Quizeramos que todos os cidadãos que tem voto o manifestassem na urna, que essa grande porção de indifferentes sahi-se da indolencia em que está e viesse perante a urna lavar tambem a sua sentença a favor ou contra o actual estado de coisas, e então se poderia saber se o paiz está satisfeito ou descontente com o governo e regimen que o rege, e isto seria uma prova muito mais positiva que todas as declamações que para ahí se fazem contra o estado actual.

Mas porque não acontecesse assim, devemos suppôr, (segundo aquelle dito de que «quem calla consente») que os que não votam delegam esse direito nos que votam e pensam portanto, como estes, ou são completamente indifferentes a tudo que se passa?

É difficil responder a esta pergunta, porque reaceamos ter de aceitar a idéa de que a maioria dos electores é effectivamente indifferente, e essa indifferença ser um dos peiores symtomas da nossa decadencia politica, que nos leva á perda da nossa nacionalidade.

Eis a triste conclusão que nós tiramos do que se acaba de passar com as ultimas eleições.

João Verdades.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C., Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 a 33 — Lisboa



O EXPLORADOR V. LOVETT CAMERON

FALLECIO EM 5 DE MARÇO DE 1894

— Sim, sim, pensou V. S. acertadamente. De mais, meu sobrinho Ruy é um frivolo a quem não convem confiar coisas de tanta importancia.

Tres dias depois, o Conde de Val-de-Bouro, seu neto, e o padre Lopo de Almeida, seguiam para o alto Minho.

(Continua.)



REVISTA POLITICA

Já vimos tarde para ganhar alviçaras das eleições que se realisaram no dia 15 do corrente, mas como temos que registrar aqui o que de mais importante vae occorrendo na politica portugueza, pouco nos importa que a estas horas todas as tubas da imprensa governamental tenham apregoadado a victoria do governo, ao mesmo tempo que os jornaes da opposição vão reeditando todos os clichés que tem de reserva para estas occasiões, declamando contra a corrupção e torpezas praticadas no acto eleitoral.

São tão conhecidos estes processos criticos das